

O Alarga - Uma história de vingança com passagens dramáticas

Jarbas Jarras

Às vezes me perguntam por que escrevo minhas fotonovelas e livrinhos de banguê-banguê sob tantos pseudônimos diferentes... São homenagens. O Alarga, por exemplo, só assina as histórias mais sentimentais.

Ademais, não é possível assinar Vantecy Gomes nem mesmo numa bula de medicamento - se elas levassem a assinatura do autor. E ói que há bulas interessantes, até melhores do que livros que estão sendo publicados.

Esta é a história do Alarga. O próprio Jarbas Jarras tem a sua só dele. Mas isto já seria outra história... Deixa.

Então, bem, vamos.

Morávamos numa Copacabana quase bucólica. Os anos da década de 1960 corriam, ridentes, felizes. A família era grande, muitos primos e primas; avós morando bem próximos da gente, nos enchendo de coisas gostosas e de amor.

Todos se visitavam mutuamente. Minha mãe, avó e tias iam à missa na capela do Sacre Coeur, na Rua Tonelero, onde estudavam nossas irmãs e primas, bem em frente à nossa casa.

Mamãe, muito religiosa, era ciosamente a responsável pela moral e os bons costumes das

empregadas domésticas de nossa família. Isto em pleno alvorecer da liberdade sexual...

Em nossa casa tínhamos uma moça, bem bonitinha. Começou a namorar um rapaz que trabalhava na vizinhança. Mamãe logo tratou de puxar-lhe *folha corrida*. E o que veio não foi bom.

Que era um pândego, que já havia desencaminhado moças, que freqüentava os botecos da Miguel Lemos... Tratou de mover uma guerra de vida ou morte contra o rapaz. Este rapaz, tão apaixonado, ao que parece, já estava quase *comendo* a nossa empregada...

Mamãe não era de perder guerras. E assim foi. Tanto fez que conseguiu voltar com o juízo à cabeça da mocinha. E o casal separou-se a tempo de manter puríssimo o bom nome da família nacional.

Três horas da madrugada na Rua Tonelero. O telefone toca e a sua campainha mecânica é tão forte que chega a estremecer os vidros da cristaleira da sala.

Era o único modelo de aparelho telefônico existente na época, distribuído pela **CTB** (**Companhia Telefônica Brasileira**) aos seus assinantes. Este bisavô de todos os aparelhos telefônicos, não possuía nenhum mecanismo que lhe desligasse ou diminuísse o volume da campainha.

Preto e pesadíssimo, numa necessidade, a retirada do fone *dogancho* para evitar-se incômodos era o mesmo que uma sentença de morte assinada contra a linha: ficava sem sinal de discagem e isto podia durar dias... Melhor não.

- "*Quem fala?!* (papai ou mamãe, em transe de sono)

- "*Aqui é o Alarga!*"

- "*Alarga? Mas que Alarga?!!*"

- "*O Alarga Cu, é claro! Não lembra de mim?!!*"

Isto durou todo um verão. Foi o *Verão do Alarga*. O nosso aparelho telefônico ia dormir embrulhado em vários cobertores grossos, o que não adiantava nada.

O Alarga trabalhava numa padaria do bairro e levantava-se bem cedo, para fazer o pão.

- *"Mamãe, será que o Alarga Cu vai ligar esta noite?"*

- *"Chiuuu! Não fale isto, meu anjo, é muito feio!"*

Isto era o meu irmão menorzinho, de uns quatro anos de idade. Ou uma priminha, que estivesse dormindo lá em casa...

Adorávamos o Alarga, porque não gostávamos de dormir. Sempre arranjavamos um jeito de começar uma brincadeira. E acordar de madrugada era uma coisa inusitada, fantástica...

- *"Dorme, meu amor..."*

- *"Mamãe, eu gosto do Alarga. Isto é pecado?"*

- *"Dorme, filhinho, chiuuuu!"*

E assim, o Alarga passou a fazer parte da vida de todos nós e das nossas lembranças... Acho que, no fundo, foi um grande sujeito.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-alarga-uma-historia-de-vinganca-com-passagens-dramaticas>